

QUATRO LIVROS-BOMBAS CONVENCERAM SESENTA POR CENTO DOS AMERICANOS DE QUE A TRAGÉDIA DE DALLAS CONTINUA INSOLÚVEL

KENNEDY O MISTÉRIO DO SEQUELO

UMA sensacional foto publicada no *Esquire* — e na qual se vê o que parece ser alguém, parcialmente protegido por um automóvel, disparando contra o carro do Presidente John Kennedy — reabre e reaviva a controvérsia em torno da tragédia de Dallas. O instantâneo, encontrado nos arquivos da UPI, é mais um documento a favor daqueles que não aceitam as conclusões do Relatório Warren, segundo as quais Lee Oswald teria sido o único responsável pela morte de Kennedy.

Mas, além da foto do *Esquire*, hoje causando sensação em todo o mundo, muitos outros fatos, somente agora revelados, mostram a inconsistência e as falhas do controvertido Relatório.

Um inquérito recente revelou que mais de 60 por cento dos norte-americanos não acreditam nas conclusões do Relatório Warren sobre a morte do Presidente John Kennedy. O que significa dizer que a maioria do povo dos EUA não acredita que Lee Oswald tenha sido sequer o assassino de JFK; ou que, no caso de ter participado da trama, tenha sido ele o único a disparar contra o carro de Kennedy, na Elm Street, em Dallas, às 12,30 do dia 22 de novembro de 1963.

Nos dias que se seguiram à tragédia, foram muitos, nos EUA e em todo o mundo, que mostraram reservas a respeito da versão da polícia de Dallas sobre o fato. Realmente, é difícil aceitar a conclusão policial de que Lee Oswald foi o único a disparar os três tiros, um dos quais atingiu mortalmente Kennedy e ainda feriu de maneira grave o Governador Connally, que se encontrava também na viatura presidencial. Também a muitos, naqueles dias, pareceu improvável, senão inaceitável, que Oswald, depois de ter assassinado Kennedy, tivesse cometido, poucos instantes depois, um outro assassinato — abatendo o policial Tippit, que o abordara na rua. É mais incompreensível ainda para muitos foi o fato de que Jack Ruby, figura notória do *bas-fond* de Dallas, conhecido da polícia local, não tivesse encontrado qualquer dificuldade em chegar até Lee Oswald, quando este, cercado de policiais, ainda se encontrava no edifício do departamento policial de Dallas, e matá-lo ali mesmo, diante de dezenas de jornalistas e agentes da polícia.

Mais tarde, com a divulgação do Relatório Warren, tais dúvidas se acentuaram, e chegaram a dominar mais de 60% dos americanos — conforme revela o inquérito a que nos referimos — depois que apareceram nos EUA livros refutando a argumentação e as conclusões do Relatório bem como denunciando as suas inúmeras omissões. Entre tais livros, os que mais abalaram a opinião pública americana — todos publicados nos últimos doze meses

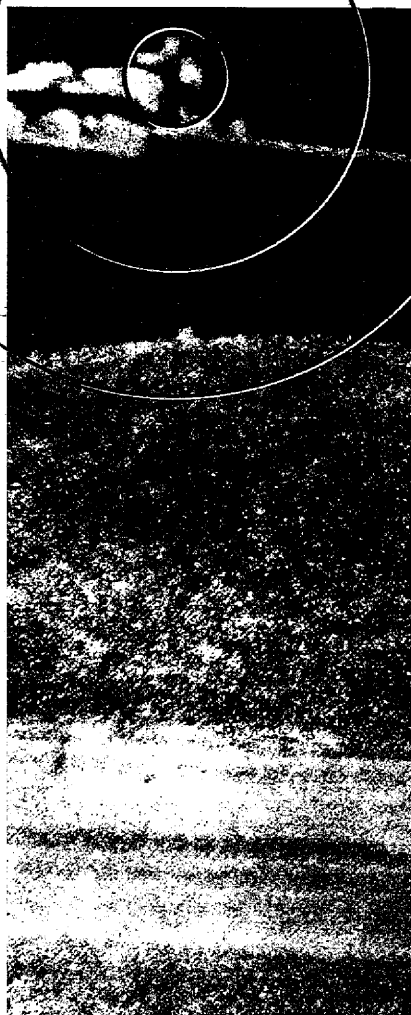
— são *Inquest*, de Edward Jay Epstein; *Rush to Judgement*, de Mark Lane; *Whitewash*, de Harold Weisberg, e, finalmente, *L'Affaire Oswald*, de Leo Sauvage. Também podem ser citadas as reportagens publicadas sobre o assunto por Hugh Trevor Hoper, historiador inglês, no *Sunday Times*. Todos esses livros e reportagens reduzem o Relatório Warren ao que de fato ele parece ser: uma peça jurídica falha, baseada em informações errôneas ou incompletas que comprometem profundamente as suas conclusões.

Recentemente, a família Kennedy — ou melhor, o Senador Robert Kennedy — entregou ao governo americano documentos e certo material referentes à morte do Presidente John Kennedy. Inclusive as chapas de raios X, tiradas instantes após o assassinato, e que mostram (segundo os que as viram) a real trajetória da bala (ou das balas) que abateu o grande estadista. A tais documentos, no entanto, conforme exigência do Senador Bob Kennedy, os historiadores, pesquisadores e o público de um modo geral só poderão ter acesso dentro de cinco anos. Já o governo americano poderá estudá-los e divulgá-los a qualquer momento — e espera-se que o faça.

Mas, se não o fizer, resulta que somente dentro de cinco anos poderão vir à superfície revelações que certamente contarão de maneira diferente a história da tragédia que três anos atrás traumatizou o mundo. No presente momento, o assassinato de Kennedy continua — para os que não aceitam a exposição, argumentação, certas "provas" e as conclusões do Relatório Warren — um mistério cada vez mais denso. Diante da tragédia, ainda vale, hoje, fazer a mesma pergunta que milhões de pessoas fizeram quando John Kennedy foi abatido em Dallas.

— O assassinato de Kennedy foi obra de uma só pessoa, ou o resultado final de um complô ultra, demorada e cuidadosamente preparado?

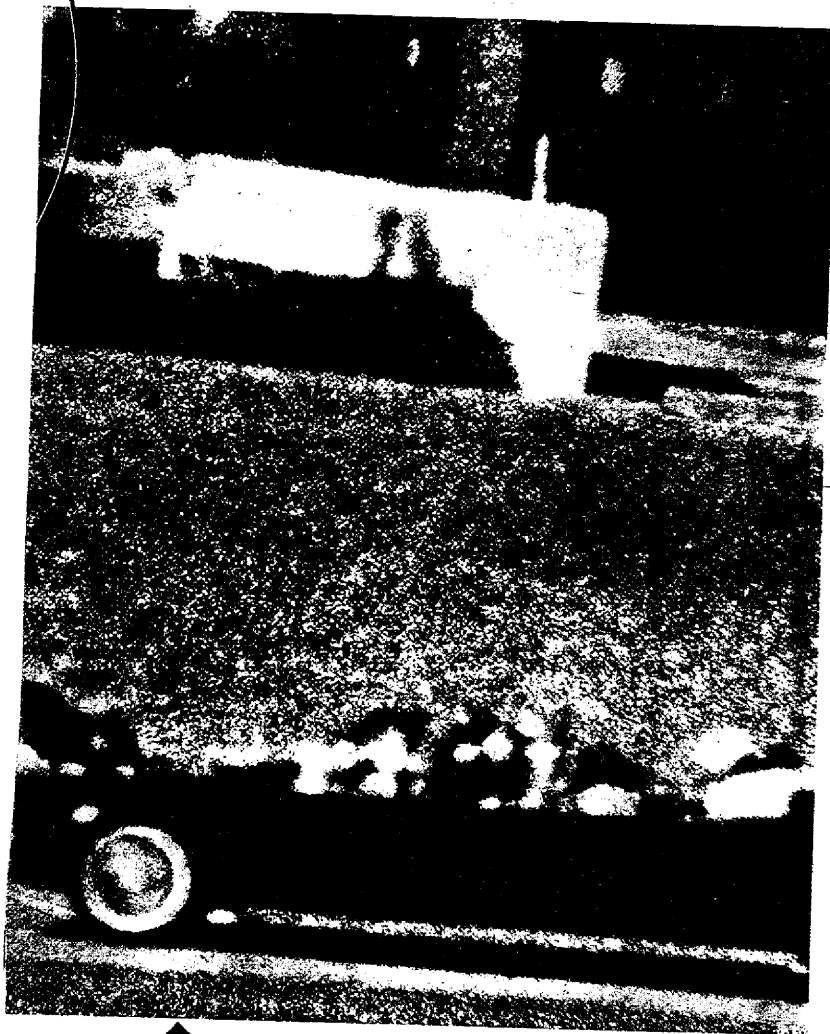
A pergunta ainda não pode ser respondida. E quem poderia respondê-la, integral ou parcialmente, já não pertence ao mundo dos vivos. Ou, se ainda vive, como é o caso de Jack Ruby, foi marginalizado como irresponsável. Vejamos. Oswald, o indigitado assassino de Kennedy, foi morto antes que tivesse confessado seu crime. Ruby, seu assassino, depois de condenado à morte, teve a pena transformada em prisão perpétua e já se noticia o seu internamento, como doente mental, numa clínica especializada. Várias testemunhas ligadas ao crime ou interessadas na sua elucidação, tiveram fim súbito ou misterioso — e nenhuma delas foi levada em conta pelo Relatório Warren. Tal é o caso de Warren Reynolds, que presenciou a morte do agente Tippit e que foi assassi-



Na sensacional foto publicada pela plano o carro do Presidente John Kennedy, silhueta de uma figura humana presidencial. Segundo *Esquire*, a da garganta — indica que a mesma foi desconhecido

DI ERIO UNDO RIFLE

sensacional



revista *Esquire* — e que foi encontrada no arquivo da UPI — aparece em primeiro quando passava pela Elm Street, em Dallas; e, dentro do círculo, ao alto, à esquerda, a que, protegida parcialmente por um automóvel, parece visar com um fuzil a viatura trajetória da bala no corpo de Kennedy — penetração pela nuca e saída pela parte inferior disparada de uma posição que coincide com aquela em que se encontrava o "segundo atirador" assinalado na foto agora divulgada.

nado em janeiro de 1964 por desconhecidos. Ou o de Nancy Jane Mooney, bailarina do Carroussel, o cabaré de Jack Ruby, presa por embriaguez pela polícia de Dallas, no dia 13 de fevereiro de 64 e no dia seguinte encontrada morta (por enforcamento) em sua cela. Ou Domingos Benavides, que também assistiu ao assassinato de Tippit, preso meses depois, sob a acusação de desordeiro, e cujo paradeiro não se conhece. E, ainda, Tom Howard, William B. Hunter, Jim Koeth, o primeiro advogado e os demais jornalistas, todos empenhados na busca de fatos novos que pudessem esclarecer definitivamente os motivos e a autoria da morte de Kennedy, Oswald e Tippit. O primeiro, Howard, morreu subitamente, "do coração"; William B. Hunter foi morto numa delegacia de polícia, em Dallas, "vítima de um disparo acidental"; e Jim Koeth foi simplesmente massacrado, por motivos ignorados, por um desconhecido do qual se sabe apenas que é lutador de caratê.

Também contra o Relatório Warren devem ser citados os testes que o FBI levou a efeito para determinar se era possível a Lee Oswald disparar, de uma distância de 55 metros (primeiro tiro) e de 81 metros (terceiro tiro), em apenas 5,6 segundos, os projéteis que atingiram o carro de Kennedy. Para isso, o FBI convocou os melhores atiradores não apenas dos seus próprios quadros, mas também do Exército e da Marinha. Uma torre de madeira (não tão alta quanto a janela do Texas Book Depository, da qual Oswald teria atirado) foi erguida em terreno baldio, e modelos de carros dispostos a uma distância respectivamente de 55 e 81 metros. Nenhum dos atiradores, postados na torre improvisada, conseguiu disparar contra os "carros", atingindo-os, no tempo mínimo de 5,6 segundos — que teria sido o gasto por Oswald. Um deles conseguiu disparar três vezes em menos de 5 segundos, mas nenhum dos tiros atingiu o alvo.

Revelações como estas — e que somente agora chegam ao conhecimento do público — vão adensando gradativamente o mistério em torno do assassinato do grande presidente norte-americano. O fato de mais de 60% dos americanos já não aceitarem as conclusões do Relatório Warren talvez tenha sido o motivo principal que obrigou o Presidente Johnson a determinar — conforme anunciou-se em Washington — a reabertura das sindicâncias em torno da morte de Kennedy. Mesmo porque, se isso não fôr feito — conforme salientou Mark Lane, autor de *Rush to Judgement* —, o Relatório Warren passará à História "como um mau romance policial, e o assassinato de John Kennedy, como um crime perfeito".

Texto de JOEL SILVEIRA

(339)

MANCHETE
RIO DE JANEIRO, BRAZIL
MONTHLY - CIRC.N.AVAIL.

DEC 3 1966

Byfeller

66